

A Feira de Tangará da Serra MT: Um olhar para espaços de aprendizagens não escolarizados

Carla Patrícia Araújo Chaves¹
Secretaria de Estado de Educação - SEDUC

João Severino Filho²
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre as matemáticas que precedem as vivências escolares dos nossos alunos, em seus contextos cotidianos, ao discutir aspectos da pesquisa desenvolvida ao redor do tema “A Feira Central de Tangará da Serra – MT: um estudo sobre o universo etnográfico produzido e habitado por diferentes personagens”, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGCEM), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) de Barra do Bugres – MT. Trazemos, algumas percepções acerca das matemáticas vivenciadas pelas crianças e jovens que habitam o espaço socioeducativo da feira, ajudando seus familiares, como um caminho para dar visibilidade aos diversos espaços habitados por crianças e adolescentes, alunos de nossas escolas, e trazer essas reflexões para nossas aulas. A experiência vivenciada aconteceu no período de julho 2020 a dezembro de 2021. A abordagem etnográfica possibilitou contemplar o contexto cultural do feirante e evidenciar a importância de os conhecimentos produzidos e praticados ali dialogarem com as matemáticas escolares e que essas ações deveriam fazer parte do trabalho cotidiano de todo educador.

Palavras-chave: Etnomatemática; Espaços Socioeducativos; Etnografia; Feira Livre.

The Tangará da Serra Mt Fair: A look at non-school learning spaces

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the mathematics that precede the school experiences of our students, in their everyday contexts, by discussing aspects of the research developed around the theme “The Central Fair of Tangará da Serra – MT: a study on the ethnographic universe produced and inhabited by different characters”, in the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Science and Mathematics Teaching (PPGCEM), at the State University of Mato Grosso (UNEMAT) in Barra do Bugres – MT. We bring some insights into the mathematics experienced by children and young people who inhabit the socio-educational space of the fair, helping their families, to give visibility to the different spaces inhabited by children and teenagers, students at our schools, and bring these

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGCEM – Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT/ Barra dos Bugres, MT, Brasil. Docente na Secretaria de Estado de Educação – SEDUC e na Rede Municipal de Tangará da Serra – MT. Docente na Faculdade de Tangará da Serra - FAEST. Membro do WARÁ - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Etnomatemática. End.: Rua L, n° 2322, Setor N, Bairro Jardim Tarumã 2, CEP: 78303-014. Tangará da Serra, MT. <https://orcid.org/0000-0003-2160-4543>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1850719508924377>. E-mail: carla.patricia@unemat.br.

² Doutor pelo Instituto de Geociência e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Professor Adjunto na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Barra do Bugres, no Curso de Licenciatura em Matemática e nos Programas de Pós-Graduação PPGCEM e PPGECII, da UNEMAT. Membro dos Grupos de Pesquisa do CNPQ: EmF - Educação em Fronteiras, líder do Grupo WARÁ - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Etnomatemática. Barra do Bugres, Brasil. Coordenador regional no Centro Oeste da Rede Internacional de Etnomatemática (RedINET - Brasil), para o período 2022-2024. End. Av. Mário Augusto Vieira, 269 - Apto. 504F. Morada do Ouro, 78.053-734. Cuiabá, MT. <https://orcid.org/0000-0002-9421-7192>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7460307084763089>. E-mail: joaofilho@unemat.br

reflections to our classes. The experience took place from July 2020 to December 2021. The ethnographic approach made it possible to contemplate the cultural context of the stallholder and highlight the importance of the knowledge produced and practiced there interacting with school mathematics and that these actions should be part of everyday work of every educator.

Keywords: Ethnomathematics; Socio-educational spaces; Ethnography; Free Fair.

La Feria Tangará da Serra Mt: Una mirada a los espacios de aprendizaje no escolar

RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre las matemáticas que preceden las experiencias escolares de nuestros estudiantes, en sus contextos cotidianos, discutiendo aspectos de la investigación desarrollada en torno al tema “La Feria Central de Tangará da Serra – MT: un estudio sobre el universo etnográfico producido y habitada por diferentes personajes”, en el Programa de Postgrado Stricto Sensu en Enseñanza de Ciencias y Matemáticas (PPGCEM), de la Universidad Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), en Barra do Bugres – MT. Aportamos algunas reflexiones sobre las matemáticas que viven los niños y jóvenes que habitan el espacio socioeducativo de la feria, ayudando a sus familias, como una forma de dar visibilidad a los diferentes espacios que habitan niños y adolescentes, estudiantes de nuestros colegios y llevar estas reflexiones a nuestras clases. La experiencia se desarrolló de julio de 2020 a diciembre de 2021. El enfoque etnográfico permitió contemplar el contexto cultural del tendero y resaltar la importancia de los conocimientos allí producidos y practicados interactuando con la matemática escolar y que estas acciones deben ser parte del trabajo cotidiano de todo educador.

Palabras clave: Etnomatemáticas; Espacios socioeducativos; Etnografía; Feria Libre.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse texto foi organizado com a função de refletir as matemáticas que precedem as vivências escolares dos nossos alunos, em seus contextos cotidianos, tendo como enfoque as experiências dos filhos dos feirantes, de modo a produzir elementos de reflexão sobre os diferentes estilos de suas aprendizagens. Os personagens da pesquisa são alunos e ex-alunos que contribuem com seus familiares na feira e participaram da pesquisa desenvolvida no período de julho de 2020 a dezembro de 2021, na feira do produtor rural da cidade de Tangará da Serra-MT, denominada “Feira Central de Tangará”, termo que doravante passaremos a utilizar para nos referirmos a ela, no decorrer do texto.

A pesquisa que deu origem a esse artigo procurou observar o contexto histórico e sociocultural dos trabalhadores da Feira Central de Tangará. A experiência foi vivenciada na pesquisa de mestrado com o tema, “A Feira Central de Tangará da Serra – MT: um estudo sobre o universo etnográfico produzido e habitado por diferentes personagens”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática (PPGCEM), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) de Barra do Bugres – MT.

Nesse sentido, fizemos um recorte para tratar especificamente das “ticas de matema” experienciadas pelos filhos dos feirantes no espaço socioeducativo da feira, descrevendo-a como ambiente sociocultural de trocas de aprendizagens significativas para os estudantes e para os

demais membros da comunidade que ali habitam. Com isso, as discussões sobre as matemáticas experienciadas pelos filhos dos feirantes, bem como, as percepções e os resultados alcançados, se aterão àquelas essenciais para a abordagem trazida pelo título.

No decorrer da pesquisa, buscamos compreender a cultura do feirante e descrever, com a densidade necessária, a dinâmica sociocultural estabelecida na feira, a rotina dos alunos e alunas junto aos seus familiares, que sobrevivem desse tipo de comércio, além das histórias que marcaram as gerações, e as relações instituídas no local de comercialização dos produtos.

Nessas relações as matemáticas se apresentam de diferentes formas. Como exemplo, temos a organização dos produtos na banca (estética da distribuição e ocupação dos espaços), as unidades de medidas (peso, distância, tempo/espaço); as noções de economia; os cálculos das quatro operações (soma, subtração, multiplicação e divisão), dentre outras matemáticas, que por vezes são invisibilizadas pelo trabalho docente.

A Feira Central de Tangará é muito conhecida entre a população que reside na cidade. É a maior feira coberta do estado de Mato Grosso, sendo utilizada por muitas famílias e seus filhos para comercialização das mercadorias que na maioria das vezes, são produzidas por famílias de agricultores, primeiros moradores do Município de Tangará da Serra – MT, que permaneceram desenvolvendo esta atividade em pequenas propriedades rurais.

As crianças, adolescentes e jovens que ali frequentam e estão em idade escolar, gostam de contribuir na feira com suas famílias, pois, comungam dos saberes que seus pais aprenderam em suas gerações. Os filhos e filhas dos feirantes convivem na feira e auxiliam seus familiares na produção, beneficiamento e venda das mercadorias. Além disso, convivem num espaço que compartilham as vivências entre os familiares, com a clientela e freguesia que frequentam o local, fato que podem subsidiar o ensino e a aprendizagem que dão significados a vida escolar.

UM BREVE HISTÓRICO DA FEIRA

A cidade de Tangará da Serra – MT, situada na região noroeste, a 242 km de Cuiabá, Capital do Estado. Foi emancipada em 13 de maio de 1979, porém desde o princípio foi constituída por homens e mulheres trabalhadores do campo, da agricultura familiar, onde as histórias se misturam entre os migrantes de várias regiões, que vieram com suas famílias, sozinhos ou em grupos com intuito de construir suas vidas neste local, cujo território original é do Povo Indígena Haliti Pareci. Segundo Oliveira (2012), nas décadas de 1960 a 1970 os

caminhões “pau de arara” trouxeram as mudanças para Tangará da Serra-MT. Ele acrescenta ainda que:

Os caminhões de mudança traziam, além de pessoas tinham os corações divididos entre a saudade do lugar que deixava e a vontade de vencer e melhorar seu futuro no lugar em que agora iriam estabelecer-se, alimentos para uma longa viagem em estradas de difícil acesso. Gatos, cachorros, cavalos, bois, vacas, galinhas, galos, patos, galinhas-d'angola e cabritos, eram comuns nos caminhões. Também eram trazidas mudas de plantas frutíferas e ornamentais, destinadas a ocupar, exoticamente, o novo espaço e a reconfigurar um ambiente predominantemente do cerrado e de matas ciliares. (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

Nesses fluxos migratórios, vieram pessoas de várias regiões como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Ceará e Alagoas. Assim, a diversidade populacional e forte característica de produtores da agricultura familiar, o início da feira na cidade se mistura com as necessidades comerciais do local, que estava em frequente fluxo migratório. Com isso, a Feira Central de Tangará não tem uma data precisa de início antes do barracão coberto, mas segundo os personagens da pesquisa, ela existe a mais de 40 anos.

Segundo o jornal Diário da Serra (2012), a feira do produtor existe desde 1981, teve início com apenas oito feirantes, hoje é reconhecida como a maior feira coberta do estado de Mato Grosso, com 8.500 m² de área coberta e no ano de 2017 contava com 318 feirantes comercializando mercadorias diversificada como, legumes, verduras, praça de alimentação e setor de importados (camelô).

Na Figura 1 é possível notar como era a Feira Central de Tangará da Serra, antes da cobertura com o barracão, inaugurada em 1999.

Figura 1: Imagens da Feira Central de Tangará, antes da construção do barracão



Fonte: Arquivos da ASFET, imagem capturada de vídeo.

Os feirantes e pioneiros da cidade, que viviam da agricultura familiar, traziam seus produtos e acomodavam-se da maneira como as condições permitiam.

Com o tempo, o local se mantinha o mesmo, mas as bancas passaram a ser cobertas com lonas ou ainda em cima de carroceria de charretes. Posteriormente, passado uns 15 anos, desde o seu início, os feirantes criaram a ASFET - Associação dos Feirantes de Tangará da Serra-MT.

Com a Lei Municipal nº 866/1993, a comercialização na Feira Central de Tangará foi devidamente regulamentada, com direito à fiscalização e comprovação da qualidade dos produtos comercializados, cuja responsabilidade para supervisão é da Prefeitura Municipal, através dos órgãos competentes.

Excepcionalmente, no período pandêmico houve o funcionamento em algumas sextas-feiras, como forma de diminuir os prejuízos causados pela pandemia e também como opção de controle de aglomerações por ser um dia a mais como opção para a população tangaraense frequentar e comprar seus produtos na feira.

A Feira Central de Tangará tem representatividade cultural para a população tangaraense. As vivências desse povo misturam-se com a história da cidade, ou seja, a feira central faz parte da vida desse povo desde a emancipação da cidade.

Portanto, falar da cultura dos alunos e seus familiares, ouvir e escrever com a experiência etnográfica vivida durante o período da pesquisa, possibilitou-nos como pesquisadores “simplesmente nos colocar por detrás dos ombros do ‘nativo’, sem que isso

influencie as próprias ações desse nativo”, como cita Castro (2008, p. 83), ou seja, contemplando os cenários por sobre os ombros do sujeito, fomos desvelando, como aprendizes do conhecimento a construção da história textualizada dos feirantes.

O ESPAÇO SOCIOEDUCATIVO DA FEIRA E SUA (IN)VISIBILIDADE NA ESCOLA: Os (re)encontros com alunos nos percursos da etnografia

Como as feiras passaram a exercer o intercâmbio em lugares distintos, na história das civilizações, com o uso de diferentes moedas nas negociações, a partir daí surgiu uma nova atividade, proporcionada por esse tipo comércio: os cambistas, comerciantes que se especializaram na troca de diferentes moedas, que exerceram importante papel para o desenvolvimento comercial, inclusive, dando origem às casas bancárias para atividade cambista de troca de moedas.

A produção das informações sobre o contexto da feira foi realizada, tendo a etnografia como base metodológica. Para Geertz (2008, p. 4) “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Para isso, as entrevistas foram realizadas na feira, evidenciando o contexto histórico-cultural dos feirantes, os detalhes, gestos e ações do cotidiano a partir da prática etnográfica, assim como a valorização das experiências dos alunos no ofício de suas famílias, aprendidas com as gerações.

Os diálogos espontâneos foram pontos fundamentais, pois ocorreram antes das entrevistas marcadas e continuaram em momentos posteriormente às assinaturas dos Termos de Consentimento Livre Esclarecidos (TCLE). Nesse sentido, os primeiros contatos com os feirantes, aconteceram sem o compromisso de pesquisadora e pesquisados, isso nos permitiu cultivar laços de afeto, intimidade entre pesquisadora e os pesquisados e empatia para ambos.

Nesse sentido, segundo Castro (2008, p. 84), “escrever uma etnografia seria, portanto, mediar uma relação de poder, seria criar, ajustar e transformar a realidade pesquisada, ao mesmo tempo em que se busca uma verdade absoluta que não existe.”

As observações iniciaram no ano de 2018, com a ideia do projeto, quando as matemáticas dos filhos dos feirantes me expuseram aos incômodos, retirando da zona de conforto, no sentido de habitar e vivenciar aquele ambiente cultural, instigando o cerne da pesquisa. Algumas das observações e registros do campo constituíram as principais bases para

as reflexões desse escrito. Na Figura 2 estão representadas as relações entre os personagens participantes e os cenários estudados.

Figura 2: Relação entre os personagens e os cenários da pesquisa



Fonte: Autora da pesquisa, 2021.

Para D’Ambrosio (2012) o grande desafio da educação é praticar os conhecimentos que serão usados futuramente, levantar devaneios teóricos que contempla os saberes e fazeres acumulados desde tempos passados até o presente. Em que existe grandes dicotomias, como o professor deve ensinar e o que é útil para o aluno aprender, bem como a conduta do aluno em sala de aula e os resultados do seu desempenho no futuro.

Nesse sentido, não há como ser um bom professor sem olhar para o contexto cultural dos seus alunos, sem dedicação, é preciso envolver as teorias que fazem sentido e mostram significados às incertezas deles. E para esse instante, a visão aguçada do professor, faz total diferença na vida dos alunos.

Na ótica de Skovsmose (2014, p. 45) “um dos principais desafios da educação é proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa”. Para ele, este é um caminho de persistência para o docente, “não há receitas prontas, fórmulas mágicas procedimentos infalíveis” e a investigação o fazer matemático crítico é o trajeto onde o ensino e a aprendizagem ocorrem.

Considerando a matemática como uma forma de interpretar o mundo por meio de números, gráficos, formas, e de escrevê-la quando as práticas estão abertas a mudanças, tais

práticas divergem quando vislumbramos a multiculturalidade presente nas escolas. (Skovsmose, 2014).

Pode ser praticada de maneiras bem diferentes, com interesses sociais, políticos e econômicos bem distintos. Se por um lado a matemática mostra-se um meio de implantação de uma lógica de dominação e controle, por outro lado, ela promove a cidadania crítica. (Skovsmose, 2014, p.115).

Desvendar a matemática vivida em cada cultura, é compreender a própria realidade e atuar nela, é se fazer presente politicamente, socialmente e economicamente para o bem comum de todos. Essa educação pra exercer a cidadania, são princípios que devem ser trabalhados na escola para a formação do aluno. Para isso o professor deve conhecer a etnos dos seus alunos, sendo ela o suporte para entender as concepções, os desafios de investigar a geração, a organização e difusão do conhecimento, bem como os resultados das dinâmicas culturais nos encontros de diferentes gerações.

Nesse sentido, a Etnomatemática fundamentou os saberes e fazeres matemáticos usados pelos alunos e seus familiares feirantes e empreendedores da feira, vislumbrado o sentido horizontal (exposição mútua de culturas diferentes) e vertical (gerações diferentes num mesmo ambiente cultural) da pesquisa. (Fantinato; Freitas, 2018, p. 29).

A forma como os indivíduos se comportam, produzem e difundem conhecimento no espaço sociocultural da feira do produtor rural, o jeito peculiar de lidar com os fazeres e saberes no contexto histórico-cultural dos feirantes são tradições próprias desse grupo. Na ótica de D'Ambrosio (2005, p.112), essas práticas contribuem para sobrevivência e transcendência do indivíduo, isso ocorre “através de maneiras, de modos, de técnicas, de artes (techné ou “ticas”) de explicar, de conhecer, de entender, de lidar com, de conviver com (mátema) a realidade natural e sociocultural (etno) na qual ele, homem, está inserido.

Com o uso de fontes culturais, sociais e experiências pessoais, o professor pode tornar o ensino de Matemática mais efetivo e significativo, opondo-se a alguns pontos fracos dos sistemas de ensino atuais, como, por exemplo, os questionamentos destacados por Fasheh (1998, p. 10), “a matemática deve ser considerada de forma abstrata e isolada, ou de modo mais subjetivo, pessoal e significativo?”. Ele conclui que, num país de terceiro mundo, o ensino de matemática é baseado na memorização de regras e fórmulas, além da resolução de problemas que, geralmente, não apresentam sentido para o aluno.

Na feira, o convívio ocorre respeitando a ética da diversidade. O conhecimento traz consigo as peculiaridades que movem a essência do grupo “ethnos” dos feirantes e fregueses,

para a sobrevivência e transcendência do povo desta cidade. Para D'Ambrosio (1997) os princípios básicos para a ética da diversidade é o respeito pelo outros e as diferenças, solidariedade com o outro, que satisfaça as necessidades de sobrevivência e transcendência e a cooperação com o outro, que venha a preservar o patrimônio natural e cultural comum. A prevalência destes conceitos na feira, forma a identidade cultural desde povo.

Diante disso, nota-se que o aluno filho da família do feirante e vive uma educação formal com mera transmissão de explicações e teorias e no adestramento de técnicas e habilidades. Contudo, para o aluno, ela não acompanha o significado formal, o raciocínio lógico desenvolvido nos padrões curriculares.

A Etnomatemática presente na “escolamundo” do aluno feirante

A origem da feira de Tangará da Serra traz influências históricas que se assemelham à origem das feiras medievais, no contexto político, com a comercialização de mercadorias perecíveis, práticas de escambo e no religioso, no âmbito da produção de artesanato.

A leitura do meu mundo, as experiências que vivi até aqui, as inquietações enquanto docente, o encantamento pelos saberes que tecem a vida de cada aluno e cada aluna, no seu meio de vivência, fez todo sentido quando olho para os conhecimentos que os estudantes partilham em sala de aula. A visão de mundo deles e as fases da vida experienciada na feira eram prescindidas pela aprendizagem escolar.

Descrevemos, aqui, algumas práticas e os saberes necessários nas etapas da logística do comércio das feiras; bem como foi possível compreender o envolvimento dos filhos nas atividades dos pais e sua visão sobre a vida do feirante, onde, nas palavras de todos os personagens, estão presentes as expressões: *“a feira representa a minha história de vida e da minha família”*; *“ser feirante é como fazer parte de uma grande família”*; *“a relação com o freguês é de fidelidade e com o tempo se transforma numa relação de amizade e companheirismo”*; *“na feira eu aprendi a pensar rápido e a conversar com as pessoas sem ter vergonha”*; dentre outras.

Relatos desse tipo permitiram saber a visão que os filhos dos feirantes têm com relação a ser, também, feirante é de satisfação, de alegria em partilhar conhecimentos que servem para a vida. Diante disso, faz-se necessário que o professor considere a história e cultura de seus alunos em sala de aula, valorizando o conhecimento que se origina nas vivências de cada um deles.

Na rotina dos alunos e ex-alunos existe uma dinâmica sociocultural estabelecida na feira, muitos dos familiares que ali comercializam praticam o *escambo*, que é a troca de mercadoria, prática mais antiga de comercialização. Geralmente escambar é uma prática dos feirantes que sobrevivem por meio da agricultura familiar, porém na feira há mais do que a troca de bens materiais, ali é um encontro de trocas imateriais que vão além das histórias que marcaram suas gerações, são relações instituídas no local de comercialização dos produtos e posteriormente criam laços para a vida.

Foi possível constatar que a matemática dos cálculos vai além da soma, subtração ou multiplicação. Para pesar os produtos, embalados em bandejas ou à granel, os alunos mostram domínio das medidas de peso, a grama, o quilo, o uso de arredondamento com os décimos e centésimos.

Ao cobrar o valor aproximado, notou-se que estimam sempre em agradar o freguês arredondando para menos, em outros momentos foi perceptível que eles fazem uma margem de prejuízo, quando precisam arredondar o valor para mais, perguntam ao cliente como forma de ter a aprovação da venda.

Logo, em algumas bancas, como as que vendem produtos embalados e por peso predomina a adição, subtração (quando necessário o troco), as medidas de peso e sistema monetário com décimos e centésimos (aplicado nas estimativas dos valores em moedas).

A seguir, apresento alguns personagens participantes da pesquisa, alunos e ex-alunos filhos de feirantes e as matemáticas praticadas por eles.

A Maria Eduarda (Duda), filha da Ruth e ajudante na banca de bananas, frequenta a feira desde recém-nascida. Diferente dos seus irmãos, quando nasceu não viveu no sítio. Hoje com 13 anos, ela mantém o ânimo em ajudar a mãe nos dias de feira. Pergunto a Maria Eduarda com qual idade ela começou a entender que você estava na feira com sua mãe, a perceber que o ambiente fazia parte da sua rotina? Ela responde:

Maria Eduarda: *Com uns 4 anos ou menos. Nessa idade eu ficava lá ajudando a montar a banca, brincando e dormindo. Lá na feira sempre tivemos muita amizade com os vizinhos de banca, minha mãe conta que os conhece há muito tempo, além de outros por ali.*

Pergunto a ela sobre o jeito alegre e sorridente de lidar com o cliente, ela afirma muito feliz que herdou da sua mãe. Na imagem da Figura 3, estão a Maria Eduarda e seu irmão Daniel, aluna e ex-aluno, ambos ajudam sua mãe, Dona Ruth, na banca de bananas.

Figura 3: Imagens da Banca da Ruth, variedades de bananas



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Nas observações, notei que a Maria Eduarda ajuda as bancas vizinhas. Especificamente, tem uma relação de parceria e confiança com sua vizinha da banca do fundo. Ela explica essa permuta de bancas: *“Então, eu ajudo a minha mãe, mas também gosto de ajudar meus vizinhos de banca. A Dona Neca, por exemplo, quando ela precisa sair, eu fico na banca dela até ela chegar”*.

Em determinado momento, observo o domínio que possui, na lógica matemática, para atender os fregueses, a habilidade e a segurança de quem nasceu e aprendeu logo cedo a lidar com as *“ticas”* de *“matema”*. Para D’Ambrosio (2005) essas práticas contribuem para sobrevivência e transcendência do indivíduo, isso ocorre:

(...) através das maneiras, de modos, de técnicas, de artes (techné ou *“ticas”*) de explicar, de conhecer, de entender, de lidar com, de conviver com (matema) a realidade natural e sociocultural (etno) na qual ele, homem, está inserido. (D’Ambrosio, 2005, p. 112)

Em um dia de quarta-feira, observo atentamente o atendimento dela a uma freguesa, detalho aqui o pedido realizado na ocasião: *“Maria Eduarda quero levar 3 kg de banana maçã, mais 1 kg de banana prata, mais 2 kg de banana da terra*. Ela prepara a mercadoria na balança, revelando autonomia em lidar com estimativas, aproximações decimais.

Quando a balança mostra o valor próximo de meio ela cobra em moedas, mas quando a estimativa está abaixo de quatro ou acima de sete, ela faz o arredondamento do peso, para menos ou para mais. Ainda neste atendimento, Maria Eduarda recebe o valor de R\$ 50,00, faz as multiplicações mentalmente do peso/quilo. Após, calcula a soma e efetua a subtração para

devolver o troco à senhora. Ela fala com muita segurança e sapiência, “*é mais rápido de fazer as contas assim*”, pois já sabe que o valor se repete conforme o peso que o cliente pede.

Retomo o raciocínio usado por ela na balança, e ela responde: “*Às vezes faço arredondamento para facilitar*”. Pergunto como, ela faz: “*Quando o peso passa um pouco do kg, cobro o valor redondo do kg, ou se dá R\$ 4,95 eu também cobro o valor redondo. Só pego moeda quando o valor fica perto de R\$0,50*”. Isso mostra que a experiência praticada na feira contribuiu nos conhecimentos de arredondamento de peso e valores, tanto para mais quanto para menos, dependendo de qual está mais próximo. Ela mantém o peso das gramas, quando o preço está próximo de R\$ 0,50 centavos. Nesse caso é cobrado normalmente. O modelo de estimativa adotado pela Maria Eduarda foi consolidado com o uso das habilidades praticadas na balança. Nesse sentido Carraher (2011) diz que:

A apropriação de modelos matemáticos por jovens e adultos que aprendem a Matemática na vida diária mostra, consistentemente, que o problema de escolher a operação correta, tão comum entre estudantes, não aparece entre jovens e adultos quando eles usam seus conhecimentos diários. Em contraste, quando os estudantes constroem sua compreensão de modelos matemáticos na sala de aula, essa compreensão depende das experiências práticas que a escola lhes proporciona. (Carraher, 2011, p. 19).

A Maria Eduarda mencionou as estratégias adotada pela mãe, para as bananas que estão muito maduras, para não haver desperdícios, nem prejuízos. A sua mãe, Ruth, adota uma técnica de comercialização que consiste na variação estratégica de preço. Ela diz que: “*a mãe aprendeu a baixar o preço do kg da banana quando ficam bem maduras*”. Assim o produto é vendido rápido, ela acrescenta: “*Ainda assim, quando fica alguns quilos de bananas ela vende para os restaurantes da cidade*”.

Pergunto à Maria Eduarda se ela considera tranquilo, lidar com o cliente. Ela disse que sim, e explica: “*Tem cliente que é muito legal, nem quer levar o troco, outros pechincham e pedem desconto. Já houve alguns que pagaram menos, pensando que eu não iria notar. Daí eu falo e a pessoa paga certo*”. A matemática presente na rotina da Maria Eduarda mostra as convicções que o indivíduo assume ao praticá-la, expõe o domínio na aprendizagem com a naturalidade de quem vivencia os saberes e os pratica nos fazeres cotidianos.

Ao final, as percepções que me passaram, ao refletir acerca dos 12 anos de vivência da Maria Eduarda, as muitas experiências para contar, por conta dos longos anos que frequenta a feira, junto com sua mãe e irmãos, da transcendência ao entender que o trabalhar para sobreviver perpassa pela satisfação do fazer, de se identificar enquanto parte essencial para a

sociedade, do planejar a vida, da realização ao evoluir no ofício que desenvolve, restou-me indagar-lhe sobre o que a feira representa pra ela, prontamente ela afirma que:

Maria Eduarda: *Representa muitas coisas boas, pois tenho lembranças agradáveis da minha infância. Teve uma fase que eu não gostava muito de acordar cedo, mas até hoje tenho o meu cantinho do descanso desde quando era bebê, quando muito cedo, ou quando estou um pouco cansada, deito-me lá embaixo da banca e durmo. Além disso, gosto bastante de vir a feira, ajudar minha mãe, de fazer amizades e principalmente eu gosto de ver minha família reunida aqui na banca. Por isso, a feira representa minha vida, minha história”.*

No enredo da feira, há o Bruno, adolescente que estudou até concluir o Ensino Médio, com suas experiências de comerciante, adquiridas na feira com os saberes da sua geração. Ele mora com a avó e destaca como é ser o fiel ajudante da Dona Rosana. A família dela têm uma banca de verduras na feira há mais de 16 anos. Bruno contribui na feira e também nas plantações do sítio, com o avô. Na imagem da Figura 4, estão o Bruno e a Dona Rosana, na banca de verduras.

Figura 4: Imagens da Banca da Dona Rosana e do Bruno



Fonte: Pela autora da pesquisa, 2021.

Com os fazeres de feirante, ele conta que desenvolveu habilidades para soluções de cálculo mental, vejo que expressa com habilidade essa prática, ao observar o atendimento nos dias de domingo, quando a feira é bastante movimentada.

Por diversas vezes, analisei suas estratégias ao calcular as compras realizadas pelos clientes. Em uma delas, o cliente leva para sua casa, dois pacotes de quiabo, um quilo de tomatinho cereja, dois pacotes de pepino japonês e três pacotes de pimentão. Após, observo Bruno expressando: *“foram dois pacotes de quiabos, são R\$ 6,00; um quilo de tomate cereja,*

mais R\$ 6,00; fica R\$ 12,00; mais dois pacotes de pepinos, que custa três reais cada; já somaram R\$ 18,00 reais, mais três pacotes de pimentões dá R\$ 9,00. Então o total é de R\$ 27,00 reais”.

Pergunto qual operação ele mais utiliza. Ele responde “a soma”. De forma intuitiva a operação de multiplicação é realizada mentalmente, mas para ele não faz parte do cálculo mental e, sim, da prática que desenvolveu com o passar dos anos. Além disso, ele ressalta que “quando vendo no peso, a balança já faz a multiplicação, eu apenas aproximo os valores”. Bem como, percebo que faz parte da rotina do Bruno, passar o troco. Como no caso do cliente, que pagou com duas notas de R\$ 20,00, vejo que instantaneamente ele retorna ao cliente o troco de R\$ 13,00 reais.

Questiono se é mais fácil fazer esses cálculos mentalmente ou é melhor transcrever no papel. Imediatamente ele responde: “mentalmente”. Ele acrescenta ainda que: “Na feira faço a matemática na prática, gosto e por isso aprendi a raciocinar rápido para ter facilidade na hora de desenvolver os cálculos”. Quando menciona isso, nota-se que o tempo de feira, fez ele adotar as táticas e estratégias (Certeau, 1998) que foram ao longo das feiras se transformando em práticas, que na sua fala mostra que são aprendizagens invisibilizadas pela escola.

Em nosso diálogo, ele justifica isso ao mencionar que está frequentando o nono ano do ensino fundamental e a matemática agora está difícil, por isso vem apresentando algumas dificuldades na escola com a matemática que está estudando. Ele complementa dizendo: “Mesmo assim venho tentando entender as fórmulas, pois nos cálculos consigo me dar bem das dificuldades”.

Nesse viés, a experiência do Bruno ultrapassa os cálculos aprendidos na escola. Sua avó sente orgulho ao falar que o neto administra bem a sua banca. “Pra adquirir experiência, em alguns momentos deixava ele montar uma banca, eu repassava as mercadorias pra ele revender e administrar os lucros”.

Segundo Larrosa (2009), a finalidade do processo de aprendizagem está alicerçada na experiência e no senso comum, ela mostra, indiretamente, que a experiência tem diversas possibilidades no contexto educacional, quando aplicadas com precisão, para isso o professor deve estar atento aos acontecimentos na etnos que vivem seu alunado.

Posto isto, Dona Rosana conta que o Bruno já sabe fazer o balanço dos produtos, inserir o preço de venda nas verduras, consegue lidar com os lucros e prejuízos. Para ela, isso traz a expectativa de continuidade, pois a feira representa uma grande família pra ele. Além disso, ela

ensina ao neto como administrar a vida, quando diz: *“Na idade deles, eles querem comprar as coisas que gostam, e quando o Bruno ganha o dinheirinho dele, ele fica feliz pois sabe que pode se planejar para comprar”*.

Na família da Dona Rosana, o filho e o neto são feirantes. O pai do Bruno tem outra banca na feira, porém a banca é administrada pela esposa e sua enteada, a Larissa, jovem de 16 anos de idade. Eles moram em residências separadas.

Por ser muito tímida, Larissa não quis ser fotografada, mas partilhou um pouco da sua vivência na feira. Nas poucas palavras que trocamos, perguntei se ela, aos 16 anos, conseguia lidar com as vendas na feira. Ela diz: *“Sim, eu sempre tive facilidade com os cálculos de matemática”*.

Pergunto como ela relaciona a matemática praticada na feira com a que aprende na escola. Ela direciona em sua resposta a matemática aprendida no segundo e terceiro ano do ensino fundamental, citando: *“lá, basicamente estudamos aquilo que praticamos na feira, as contas de soma e subtração. Hoje, no primeiro ano do ensino médio, não lembro de estudar algo que pratico na feira, acho que não vejo, eu não tenho certeza!”* No tocante de suas palavras, é fato que as práticas dos feirantes vão além daquilo que pode imaginar enquanto aprendizagem escolar, e por muitas vezes são desconsideradas pela escola.

Devido a isso, faz-se necessário a relação da matemática com os saberes da *palavramundo*, evidenciado nas palavras da aluna. Dar visibilidade aos conhecimentos étnicos dos estudantes é preencher de significados os saberes praticados nos diversos espaços socioeducativos que eles habitam e cultivar no ensino escolar, como alicerce para os conhecimentos que darão significados para a vida.

D’Ambrosio (2020), ressalta a importância dos espaços da “Escola sem muros”, e do professor saber aproveitar esses espaços socioeducativos para transformar os saberes do meio natural do aluno em conhecimento e preencher as lacunas ainda existentes. Na maior parte das bancas, a subtração não é uma operação predominante nas práticas das vendas. Está a cada dia sendo menos utilizada. Isso devido ao feirante transcender a modernização da forma de pagamento.

O pix facilitou os negócios e eliminou necessidades de troco na Feira Central de Tangará. Para os feirantes, é evoluindo em tecnologia, que conseguem ofertar atendimento com agilidade, mantendo a essência e a simplicidade do feirante, com segurança. São vantagens que direciona as gerações à transcendência, como forma de manter-se atualizados nas formas de

pagamentos. Representam um conjunto de vantagens que se instalou de vez na Feira Central de Tangará.

Na parte dos frios e frigoríficos, a maioria comercializa carnes e derivados de origem “caipira”, aquelas produzidas nos sítios, como porco caipira, salame, banha de porco, peixe de tanque e, também, carne bovina. Nesse setor os registros da história é da personagem Daniela, filha da Dona Silvana da carne de suína. Minha ex-aluna e, atualmente, cursa Biologia, na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no Campus de Tangará da Serra. Ela vivencia com sua família a experiência das vendas na banca de carne suína desde “o nascimento” como conta em sua história de vida na feira.

A família dela é pioneira na feira e na cidade, hoje somente mãe e filha dão sequência com as vendas, fato que foi relatado nos diálogos da pesquisa. Para Daniela, *lidar com o cliente nessa sessão da feira é diferenciado das outras. Aqui as pessoas param especificamente de comprar uma carne fresca, em que a produção é realizada pelo pequeno produtor em sítios*”.

Daniela relata que as matemáticas praticadas nas feira foram fundamentais para seu desempenho escolar. Ela lembra que antes de ir a escola fazia as vendas na banca de verduras em companhia do seu irmão mais velho. Nessa época, sua mãe ficava na banca de carne de porco, nem sempre seu pai estava junto, ele era o presidente da feira e ocupava-se com as necessidades de administrar e ajudar os feirantes.

Por diversas vezes, a Daniela ficava sozinha na banca, quando isso acontecia, ao realizar as vendas os clientes duvidavam que ela fazia os cálculos, pois ela tinha entre seis e sete anos. Então, faziam a conferência no intuito de certificar se os cálculos estavam corretos. Para Carraher (2011), os alunos que aprendem a Matemática na prática de atividades diversas nos espaços socioeducativos, desenvolve excelentes habilidades ao pensar em quantidades, isso fica invisibilizado quando não lhes damos a oportunidade de demonstrar seus conhecimentos.

Encontrar com os alunos e ex-alunos nas bancas, é comum, pois, eles acompanham os familiares sempre que podem, e no período pandêmico foram muitos desses jovens que ajudaram a preservar o grupo de risco pertencente a sua família. Os alunos e alunas que estão em fase escolar, marcavam presença nos domingos, um dos motivos que havia mais bancas em atividade. Nos dias de quarta-feira eles frequentam as aulas online, motivo pelo qual não podiam estar presente.

Amanda, também estudante de Biologia da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, é outra personagem da feira que está acompanhando a mãe e a irmã desde os 13 anos

de idade. Ela auxilia a Dona Cida na produção e nas vendas de pamonhas, nos dias de feira. Para ela, a matemática da escola trouxe traumas, devido às dificuldades de aprendizagem. Ela lembra que na sala de aula acumulava as dúvidas e não conseguia ter autonomia para solucionar os cálculos. Então, indago ela sobre como aprendeu a lidar com a matemática. Ela diz:

Amanda: *É muito fácil, muito fácil! Faço sem precisar de calculadora. Olha ali, tem uma tabela, a Dona Cida faz assim pra ajudar a ser rápido nas contas. Aqui tem o preço de todos os produtos que vende, como por exemplo: a unidade da pamonha, o pote de curau, o pedaço de bolo de milho. Então, sabe o que ela fez? Colocou o preço de todos os produtos iguais, depois ela tabelou as quantidades caso a pessoa queira levar mais que um. Pode ver que na tabela está pronto o cálculo de um até trinta e dois produtos. O único que é diferente é o queijo, o restante dos derivados do milho são o mesmo preço.*

Analisando a fala da Amanda, observou-se a tranquilidade em lidar com a matemática praticada na feira. Isso devido ao movimento nos períodos de pico não permitir demora no atendimento. Quando ela expressa: “daí só debater pra fazer o troco”, demonstra ter habilidade na subtração, uma vez que a multiplicação está pronta olhando na tabela, como mostra a Figura 5.

Figura 5: Imagem da tabela de preço usada na Pamonharia da Dona Cida



1. R\$8,00	2. R\$16,00	3. R\$24,00	4. R\$32,00
5. R\$40,00	6. R\$48,00	7. R\$56,00	8. R\$64,00
9. R\$72,00	10. R\$80,00	11. R\$88,00	12. R\$96,00
13. R\$104,00	14. R\$112,00	15. R\$120,00	16. R\$128,00
17. R\$136,00	18. R\$144,00	19. R\$152,00	20. R\$160,00
21. R\$168,00	22. R\$176,00	23. R\$184,00	24. R\$192,00
25. R\$200,00	26. R\$208,00	27. R\$216,00	28. R\$224,00
29. R\$232,00	30. R\$240,00	31. R\$248,00	32. R\$256,00

Fonte: Autora da pesquisa, 2021

Em minhas observações, percebi que, na maior parte das vezes, ela não olha a tabela ao atender a freguesia e, eventualmente, devolver o troco. Ao ser questionada sobre isso, ela espontaneamente fala: “Ah, já me acostumei tanto que gravei na cabeça os valores, pois é muito difícil o cliente levar mais do que 10 produtos, então os outros eu gravei”. Isso mostra que além de habilidades no cálculo mental para subtração, tem boa memorização. Nessa ótica Carraher (2011) acrescenta que:

Embora ocasionalmente apareçam erros de cálculo, há grande predominância de acertos entre as crianças responsáveis por essas transações comerciais. Entre os

modos utilizados na solução, nem as crianças observadas na feira nem seus pais utilizavam lápis e papel para os cálculos, [...]. Ocasionalmente, notamos na feira a utilização de uma tabela onde constavam as multiplicações [...] (Carraher, 2011, p. 48).

Para a Amanda, tais operações são comumente usadas na solução de problemas matemáticos da Pamonharia da Dona Cida. Ela demonstra ao relatar como é lidar com a prática dos cálculos quando a demanda no atendimento é alta: *“aos domingos quando a feira está com muito movimentada, esse cálculo tem que ser rápido, às vezes pode até "dar um branco", mas logo, passado um pouquinho, preciso continuar e raciocinar rápido”*. Isso mostra que é comum esquecer por uns instantes, porém isso não reduz a prática da comercialização e do atendimento ao freguês.

APONTAMENTOS FINAIS

O desequilíbrio entre, a matemática espontânea vivenciada pelo aluno na vida e a ensinada na escola, trouxe-nos reflexões que motivaram descrever as experiências dos alunos e alunas feirantes para que contribua com o trabalho em sala de aula.

A educação deve ser o suporte do ser humano para os saberes da vida, para a formação libertadora, para valorização das vivências e do outro, tal como é. Diante disso, descrever os momentos vividos e observados, na cultura, na dinâmica que move o girar da roda na feira, as tensões da pandemia, as experiências que transcendem e transformam a característica dos alunos e alunas feirantes, que apreendem a matemática no ambiente comunitário, junto com seus familiares, deve ser valorizada em sala de aula.

Ao investigar essa relação, ficou evidente que o aprendiz (aluno-feirante) é formado com as práticas dos saberes e fazeres da “Escolamundo” (Freire, 1996), na perspectiva de formar cidadãos com autonomia para viver em sociedade, para o respeito mútuo com empatia e equidade. Na feira, tal formação se dá com a prática dos saberes étnicos que acompanham as gerações de feirantes. Lá eles vivem a essência do vínculo existente entre feirante e freguês, que está arraigado nos costumes do povo tangaraense.

A participação dos jovens em idade escolar, nas bancas de suas famílias, nas feiras do fim de semana, demonstra a união, nas atividades laborais que praticam, além de evidenciar os saberes e habilidades em manusear a matéria-prima e expor os produtos, seja em dias de frio ou calor. Observa-se que o vínculo é fortalecido no leito familiar e respeitado no relacionamento entre cliente e freguês, freguês e clientes, uma vez que, nestas bancas, aproximam-se pessoas

que são conhecidos dos pais, avós e, também, de colegas que são frequentadores da feira, junto aos seus familiares, comprando nas bancas dos amigos de escola.

A agricultura familiar é o cultivo da terra praticado, especificamente, por núcleos familiares que habitam o campo. A cultura da terra, o modo de relacionamento e a comercialização dos produtos na feira geram, nos integrantes das referidas famílias, uma internalização do conhecimento que, por sua vez, está descrita por D'Ambrosio (1990) como parte da própria existência de cada indivíduo.

Apresento neste texto algumas percepções sobre a etnografia experienciada na pesquisa, como aspecto metodológico contribuíram para construção dos caminhos que emana as práticas culturais e as *ticas de matema* presente nos saberes e fazeres dos feirantes que frequentam a feira.

Foi possível observar, que entre os meus alunos que vivenciam essa experiência, é comum se sentirem acanhados ao serem solicitados para socializarem os saberes que aprendem com seus familiares, além de um sentimento de inferioridade e muita timidez, quando não aprendem a matemática formal, ensinada na escola. Para isso, se faz necessário o direcionamento do olhar matemático aos saberes e fazeres do feirante, à maneira peculiar pela qual esses trabalhos são realizados, além da necessidade dos alunos (as) em compreender a importância desses saberes para a vida e para a escola, como parte da sua identidade, da vivência cultural.

As necessidades do feirante, do saber para sobreviver, e do aluno que vivencia os saberes cultivados na agricultura familiar e a comercialização na Feira do Produtor, não é estimada no processo hegemônico escolar, isso é perceptível nas palavras dos personagens ao mencionar que *“na escola aprendem apenas a somar e subtrair”*, desvinculando os saberes com relação a noção de espaço, estimativa, lateralidade, unidades de medidas, entre outras matemáticas presentes na prática do feirante e que são invisibilizadas pelo espaço escolar.

Portanto, foi a possibilidade de contemplar, em toda essa complexidade, as nuances da personalidade do estudante que vivenciou e vivencia as práticas na feira, do jeito de interagir com o cliente e com o meio em que vivem, os princípios de alteridade, a empatia e a essência que os identificam, são características que constituem o grupo cultural dos feirantes e os distinguem dentre outros grupos culturais.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, J. T. **Vá e conte ao seu povo: interpretações e mediações no trabalho antropológico.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 79-91, jan.-abr. 2008.
- CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARRAHER, T. N.; CARRAHER, D. W.; SCHLIEMANN, A. L. D. **Na vida dez, na escola zero.** 16ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. 208 p.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade /** Ubiratan D'Ambrosio. - São Paulo: Palas Athena, 1997.
- D'AMBROSIO, U. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.
- D'AMBROSIO, U. **Educação matemática: Da teoria à prática /** Ubiratan D'Ambrosio. – 23ª ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática e Educação em tempos de pandemia.** Semana da matemática – XXI SEMAT/ BBG. Palestrante: Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio – Unicamp/Unesp Mediador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva – UNEMAT/Barra do Bugres, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qWHwqMK3VEs&t=4161s>. Novembro de 2020.
- DIÁRIO DA SERRA. **Fundada em 1981, Feira do Produtor conta hoje com 308 associados.** Jornal Diário da Serra, Tangará da Serra, 19 de março de 2012. Seção 2. Jornal Impresso.
- FANTINATO, M. C.; FREITAS, A. V. **Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios /** organização Maria Cecília Fantinato, Adriano Vargas Freitas. - 1. ed. - Jundiá [SP]: Paço, 2018. 232 p.
- FASHEH, M. **Matemática, Cultura e Poder.** Revista Zetetiké – CEMPEM – FE/ UNICAMP. v. 6 - nº9, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C., 1926. **A interpretação das culturas.** 1 ed., 13º reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.
- LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação.** Argentina. Editora: Homo sapiens Ediciones, 2009.

OLIVEIRA, C. E. **História de Tangará da Serra** / Carlos Edinei de Oliveira. – Tangará da Serra: Gráfica e Editora Sanches Ltda, 2012. 162p.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**/Ole Skovsmose; tradução de Orlando de Andrade Figueiredo. - Campinas, SP: Papyrus, 2014.

Histórico

Submetido: 08 de janeiro de 2024

Aprovado: 09 de abril de 2024

Publicado: 12 de junho de 2024

Como citar o artigo - ABNT

CHAVES, C. P. A.; SEVERINO FILHO, J. A Feira de Tangará da Serra MT: Um olhar para espaços de aprendizagens não escolarizados. **CoInspiração - Revista dos Professores que Ensinam Matemática** (MT), v. 7, e2024006, 2024. <https://doi.org/10.61074/CoInspiracao.2596-0172.e2024006>

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito dever ser atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

